

Penso, logo imaginei um real por símbolos: O sujeito da Análise do Discurso

*I think, therefore I imagine a real by symbols:
The Subject of Discourse Analysis*

*Pienso, luego imagino un real por medio de
símbolos: El sujeto del Análisis del Discurso*

RESUMO

Este texto aborda noções de Sujeito a partir da leitura de textos teóricos da Análise do Discurso Materialista desenvolvidas inicialmente por Michel Pêcheux. Pela crítica aos aspectos empírico e lógico da linguística em que se incluem reflexões sobre Sujeito, tem-se como objetivo contribuir para diferenciação teórica entre os Sujeitos: da ciência, da linguagem, da ideologia e do inconsciente para, então, ensaiar uma centralidade sobre a noção do Sujeito da Análise do Discurso.

Palavras-chave: Análise do discurso; sujeito; ideologia; inconsciente.



ABSTRACT

This text explores the notion of Subject from reading contents of the materialist discourse analysis originally produced by Michel Pêcheux. Taking the critique of the empirical and logical aspects of linguistics, which include reflections on the Subject, the aim is to contribute to the theoretical distinction between the Subjects of science, language, ideology, and the unconscious in order to test a centrality on the notion of the Subject of Discourse Analysis.

Keywords: Discourse analysis; subject; ideology; unconscious.

RESUMEN

Este texto aborda nociones de Sujeto a partir de la lectura de textos teóricos de Análisis del Discurso Materialista desarrollados inicialmente por Michel Pêcheux. Al criticar los aspectos empíricos y lógicos de la lingüística, que incluyen reflexiones sobre el Sujeto, se pretende contribuir a la diferenciación teórica entre los Sujetos: de la ciencia, del lenguaje, de la ideología y del inconsciente, para luego ensayar una centralidad sobre la noción de Sujeto del Análisis del Discurso.

Palabras clave: Análisis del discurso; sujeto; ideología; inconsciente.

Como citar:

GUIMARÃES, Frederico Sidney. Penso, logo imaginei um real por símbolos: O sujeito da Análise do Discurso. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, Brasília, v. 25, n. 1, p. 140-160, jan./jun. 2024. Disponível em: . Acesso em: XXX.

Correspondência:

Nome por extenso do autor principal
Rua XXX, número XXX, Bairro XXX, Cidade, Estado, País.

Direito autoral:

Este artigo está licenciado sob os termos da Licença [Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/)..



APRESENTAÇÃO

Penso, logo existo. Esse enunciado, a partir de Descartes, funda a existência do sujeito numa exacerbação da dúvida para instituir um método racional. A única certeza da existência seria o pensar, que se torna o meio para conhecer o real de forma verdadeira e definitiva (Marcondes, 2002). Uma empreitada filosófica e científica que esbarra no paradoxo do sujeito depender do pensamento para existir. Ao saber que existe, por pensar, o sujeito não explica essa existência por si. Isso torna o próprio objeto do saber como algo ainda em dúvida, submetido a pensamentos.

Tendo em vista esse parágrafo inicial, propomos retomar leituras teóricas feitas a partir da teoria materialista dos processos semântico-discursivos, doravante Análise do Discurso (Pêcheux, 1995[1975]), que toma como objeto o discurso enquanto efeito de sentidos entre interlocutores. A dúvida e o impossível da certeza absoluta se colocam como grandes dilemas para aqueles que procuram definir ou lidar com a noção de sujeito. A Análise do Discurso, por sua vez, se configura como um pertinente dispositivo teórico para lidar com a falta da certeza e nos permite elaborar uma síntese sobre o percurso do desenvolvimento da noção de Sujeito da(em)¹ Análise do Discurso. Tal pertinência teórica se faz presente porque a Análise do Discurso elabora uma intensa reflexão sobre o papel discursivo da língua em contraponto tanto a uma lógica formal com seu sujeito universal, como também a uma visão empirista acreditando apropriar-se do objeto de conhecimento de forma real e imediata a partir de interações e de experiências individuais.

Com isso, temos o objetivo de propor um gesto de interpretação das bases teóricas da Análise do Discurso para diferenciar as noções sobre o sujeito e, então, ensaiar uma centralidade quando se efetua uma referência à noção de Sujeito da Análise do Discurso. Acreditamos que esse gesto de interpretação possa contribuir: para o aprofundamento da compreensão sobre o desenvolvimento da Análise do Discurso e sua relação com as áreas de conhecimento que a constitui; para o incremento das concepções de sujeito a partir da crítica epistemológica sobre o papel ideológico na produção das ciências humanas e linguísticas; e, por fim, para auxiliar as abordagens introdutórias sobre a teoria do discurso com base materialista.

A Análise do Discurso está no entremeio das áreas da linguística, da história e da psicanálise. Sendo assim, a noção de sujeito por ela abordada se diferencia do sujeito da ciência, do sujeito da linguagem, do sujeito da ideologia e do sujeito do inconsciente, tendo em vista que não se trata de uma justaposição teórica da Análise do Discurso perante tais áreas, e sim de um atravessamento que a constitui. Ou seja, não se propõe uma superação, negação ou aperfeiçoamento das respectivas teorias, mas sim constituir uma base teórica para abordar especificamente os processos semântico-discursivos.

¹ Usa-se o sintagma adjetivo em semelhança às formas em que são expressos os sujeitos “da ciência”, “da linguagem” e “do inconsciente” nas discussões teóricas que pautam este ensaio.

Por não propor uma justaposição teórica, a leitura desenvolvida pela Análise do Discurso sobre suas principais áreas de influência teórica estipula a existência do real em cada uma delas: o real da língua, da história e do inconsciente (Conein *et al.*, 1981). O real, nesse caso, é entendido como pontos do impossível (Pêcheux, 1990). Tais premissas fazem parte, portanto, do desenvolvimento teórico do Sujeito da Análise do Discurso.

Sendo assim, abordaremos primeiramente a relação entre sujeito e objeto associada aos aspectos empírico e lógico da linguística. O ponto seguinte será o Sujeito da Ciência no sujeito da linguagem, que foi capaz de criar considerações ou sobre a competência lógica da linguagem, ou sobre sua realização empírica. Isso motivou a crítica à linguística em que são definidos o realismo metafísico e o empirismo lógico. Dessa crítica, abordaremos o sujeito interpelado pela ideologia afirmando a impossibilidade da produção científica ser isenta das interpelações ideológicas. O sujeito da psicanálise, então, será entendido pelo contraponto da interpelação ideológica. A partir desses tipos de sujeito será feita a pontuação dos aspectos do Sujeito da Análise do Discurso.

1. SUJEITO COMO OBJETO: O REALISMO METAFÍSICO E O EMPIRISMO LÓGICO

A imbricação entre sujeito e objeto faz parte do desenvolvimento teórico da noção de sujeito na Análise do Discurso. Essa teoria, por ser baseada na tríade sujeito, história e língua, reatualiza a reflexão filosófica sobre o sujeito a partir de sua necessária relação com a filosofia da linguagem no questionamento sobre a referenciação que a língua faz sobre o objeto do qual se fala.

Nesse caso, para se falar de um objeto, é necessário incorporá-lo no pensamento, criando um objeto pensado que supõe designar o objeto real. Para Pêcheux, portanto, essa incorporação só ocorre pelo efeito de ilusão de apropriação do objeto real.

Nessas condições, é preciso dizer que a necessidade dessa 'ilusão', pela qual um objeto de pensamento pressupõe a existência de um objeto real que ele designa, provém de uma 'imperfeição da linguagem' [...] (Pêcheux, 1995[1975], p. 98)

Ao se falar de sujeito, ele se transforma em objeto do qual se fala. Pensemos sintaticamente o dizer: o sujeito fala de *sujeito* (exatamente o que faz esse texto). O sujeito que é falado é o complemento do verbo. O *sujeito*, nesse caso, não é sujeito, é objeto. Essa passagem, talvez jocosa, explica a relação entre sujeito e objeto na sintaxe que ilustra a atual proposta de reflexão entre sujeito e objeto.

Dessa forma, o sujeito precisa passar pelo pensamento e pela simbologia da linguagem para ser dito. Isso constitui o sujeito na e pela linguagem entendido por meio da teoria do Discurso, que nos permitiu refletir sobre a posição desses sujeitos em seus efeitos ideológicos e afetações inconscientes. É assim que Pêcheux:

[...] trata, precisamente [...], das relações entre 'a evidência subjetiva' e a 'evidência do sentido (ou da significação)', e coloca o discurso entre a linguagem (vista a partir

da Linguística, do conceito saussuriano de *langue*) e a ideologia. (Henry, 1997[1969], p. 34-35)

O objeto, então, passaria a ter predominância perante sua parte subjetificada. No caminho teórico e científico, essa predominância da necessidade de objetificar tendeu a excluir a feição subjetiva dos argumentos que abordavam o tal objeto. A máxima da evidência seria a ilusão, nos termos da ideologia e do inconsciente, de que o objeto estaria descrito e isolado da subjetividade.

Isso cria processos de exclusão e inclusão do sujeito nas teorias da linguagem. O recalque do sujeito (sua exclusão como filtro para predominar a noção de objeto) funcionou enquanto uma “obstinação do recalque²” (Pêcheux, 1995[1975], p. 245), pois o sujeito volta em cena quando parte das teorias linguísticas deram privilégio à questão da enunciação. Essas exclusões e retornos, junto com as posições teóricas dos linguistas, postulam a feição reificante do objeto que procura objetivar o sujeito ou na sua exclusão, ou na sua consideração plena e consciente.

Temos, portanto, dois posicionamentos. Por um lado, a construção própria da teoria da língua em Saussure em que o sujeito é excluído para se considerar a língua diferente da fala. Sendo assim, a língua seria um puro objeto, observado em seus próprios esquemas estruturais ilusoriamente sem subjetividade. Aprimorando tal consideração do objeto linguístico um tanto lógico/formal, pois é pensado numa relação de logicidade, estaria a gramática das teorias gerativas da “fórmula de Chomsky” (Henry, 2013[1977], p. 39). O objeto científico seria uma estrutura de linguagem universal, plena, presente de forma independente e anterior a seus usos pelos então sujeitos excluídos para o plano da performance.

Por outro lado, com o retorno do sujeito, teríamos as teorias da enunciação e da comunicação. No caminho para um aspecto pragmático, coloca-se uma interação descritível da relação entre sujeito e objeto. Nesse último caso, o sujeito não está excluído das análises observáveis empiricamente. Assim, o sujeito é localizado como um objeto identificado em relação com outro objeto da teoria: o enunciado. Pela ilusão de referência a um sujeito objetificado numa descrição teórica, o sujeito é um fenômeno por si, existente como tal.

O que aí se encontra, com efeito, retomado na dupla tradição racionalista e empirista, é a oposição articulada entre lógica e retórica, desembocando (sob forma moderna) na oposição entre ‘semântica geral’ e ‘teoria da comunicação’. Resumindo consideravelmente, para ir ao que me parece essencial, podemos dizer que a semântica geral persegue o projeto racionalista de constituir uma teoria a-histórica do espírito humano [...]. Do mesmo modo, as teorias comunicacionais exprimem, em um vocabulário renovado, o projeto empirista (behaviorista em certos casos) de uma teoria do comportamento verbal complexo, supondo a interação entre

² Recalque é um conceito presente na teoria psicanalítica lacaniana que faz referência à estrutura psíquica da neurose. O emprego desse termo no decorrer desse texto, porém, é feito com base nessa citação de Pêcheux.

emissores e receptores como espaço de produção do sentido do enunciado. (Pêcheux, 2014[1984], p. 153-154, grifo nosso)³

Nessas reflexões, são abordadas duas perspectivas filosóficas nas quais tais teorias linguísticas se desenvolvem: a racionalista e a empirista. A partir dessa dicotomia, Pêcheux alerta sobre a maneira como esses dois posicionamentos se deixam afetar pelos seus próprios limites teóricos: o racionalismo com o realismo (pressupondo um real ideal) e o empirismo com uma pressuposição lógica universal.

Podemos resumir nossa investigação pela seguinte constatação: as teorias empiristas do conhecimento, tanto quanto as teorias realistas, parecem ter interesse em esquecer a existência das disciplinas científicas historicamente constituídas, em proveito de uma teoria universal das ideias [...]. (Pêcheux, 1995[1975], p. 72)

De um lado, o realismo concreto, baseado no empírico. Seriam exemplos os recortes de enunciados e seus supostos sujeitos. O empirismo linguístico englobaria desde as estruturas de interpretação comunicativas até as explicações funcionalistas e/ou psicológicas dos supostos empregos reais do objeto então descrito.

Por outro lado, haveria o racionalismo idealista, num movimento de transfiguração, transcendência. Uma lógica colocada como suprema perante as vicissitudes, não se tratando especificamente de casos concretos, mais sim dedutíveis, inatos e essenciais de uma transcendência universal sobreposta à contingência histórica.

Essas duas posições, que são entendidas como ideológicas, teriam seus respectivos *recalques* sintomatizando suas conclusões. Desta forma, Pêcheux considera que essas duas posições ideológicas se atravessam, transfigurando-as em *realismo metafísico* e *empirismo lógico*.

A base do atravessamento do pensamento lógico no empirismo e do realismo na metafísica logicista seria exatamente a consideração sobre o sujeito. Essas duas posições tratam de um sujeito objetificado, considerado ou como presente, ou como excluído dos processos de constituição do tal objeto científico descrito nas teorias. Sendo, de um lado, um sujeito enquanto reservatório de percepções empíricas e, por outro lado, enquanto sistema de noções logicamente calculáveis.

O pressuposto filosófico comum a estas duas perspectivas me parece ser a de uma antropologia a-histórica da subjetividade, fundada *ab initio* na noção de sujeito: podemos, *em seguida*, escolher considerar o sujeito como reservatório de percepções empíricas (conduzindo a uma fenomenologia do vivido e da temporalidade significativa) ou como sistema de noções logicamente calculáveis (conduzindo a uma semiologia combinatória). (Pêcheux, 2014[1984], p.154)

Destas observações se configura o sujeito da ciência, que será o sujeito da linguagem.

³ Doravante, os itálicos e negritos são grifos da citação original, e os sublinhados são grifos nossos.

2. O SUJEITO DA CIÊNCIA NO SUJEITO DA LINGUAGEM

Este seria o sujeito do *cogito* cartesiano. É aquele que crê em si mesmo pelo pensamento. Por ele pensar, ele existe, ele é. Dessa constatação, é desenvolvida a noção do saber lógico e do saber empírico. Segundo Henry (2013[1977]), esse sujeito é ao mesmo tempo universal, individual e social. O sujeito seria um *autômato*, agindo de acordo com as permissões criativas ou determinadas das posições teóricas que o submetem. Essas posições teóricas trabalham como uma *máquina lógica*, em que o sujeito responderia de forma automática às operações dessa máquina, seja nas previsões distributivas dos campos específicos de sua realização individual, seja nas lógicas universais de uma gramática que opera a realização linguística de um sujeito a ela submetido.

Esse sujeito da ciência é aquele que permite o desenvolvimento das ciências sociais e psicológicas. Numa conclusão de Maia (2006, p. 208), é possível dizer que a ciência moderna funda o sujeito e, ao mesmo tempo, o exclui. Mariani (2016) indica que a linguística, enquanto ciência, *foraclusi* o sujeito.

Com a noção de *foraclusão*, um conceito especificamente psicanalítico para se referir à estrutura psíquica da psicose, temos uma metáfora sobre a exclusão do sujeito nas teorias científicas. O que é *foraclusão* “reaparece no real” (Lacan, 1988[1955-56], p. 21), não no simbólico. Isso nos permite imaginar, a partir dos conceitos psicanalíticos empregados, que o sujeito excluído na objetividade do discurso científico retorna no real desse discurso, impondo suas falhas, revisões e equívocos. De alguma forma, esse sujeito excluído acaba voltando.

O percurso desse sujeito universal da ciência permitiu que Henry (2013[1977]) o associasse com o *Sujeito Epistêmico* das teorias de Piaget, o sujeito do Saber, que pensa e permite exatamente o desenvolvimento de uma ciência.

Sob o sujeito individual, na sua consciência e na sua ideação particular, é preciso considerar as estruturas das coordenações de ações comuns a todos os sujeitos e são essas coordenações gerais (psicobiológicas, assim como mentais) que nós chamamos de o Sujeito Epistêmico. (Piaget, 1967, p.563-564 *apud* Henry, 2013[1977], p. 49)

Ou seja, trata-se de uma concepção de sujeito que contém um núcleo funcional comum a todos os sujeitos individuais, considerando a própria citação de Henry sobre Piaget. É a partir desse grande Sujeito Universal da ciência, permitindo ser visto como individualizado nas relações sociais ou psicológicas, que se desenvolve o Sujeito da Linguagem.

Nas leituras de Henry (2013[1977]), o sujeito da ciência se aproxima do sujeito epistêmico e do sujeito que é chamado de sujeito da linguagem na linguística. É esse sujeito, da linguagem, que está nas críticas de Pêcheux abordadas na parte anterior deste texto. Esse sujeito da linguagem é o sujeito que é constituído na e pela linguagem, numa relação direta nos jogos da enunciação e da gramática.

Na perspectiva das gramáticas gerativas, no pano de fundo do “sujeito da linguagem”, em seu funcionamento, acha-se postulada uma “máquina lógica” de ordem mais geral que a especificação relativa à linguagem em geral [...]. É sobre essa máquina que repousa a unidade da teoria e é ela que define na ocorrência a posição do “sujeito do conhecimento” ou do “sujeito da ciência”. Na perspectiva distribucionalista, o princípio da unidade da teoria (a qual deve englobar o conjunto das especificações necessárias para produzir a singularidade de todo *corpus* ligado a uma situação e a um meio dados como caso particular de uma generalidade que cobre outras situações e outros meios) conduz a uma situação análoga, salvo que a generalidade totalizante que é assim formulada não é mais apresentada como sendo da ordem da subjetividade do animal humano falante, mas apenas como definido o ponto de vista da cientificidade e da objetividade com relação à realidade da linguagem. (Henry, 2013[1977], p. 114)

Ao longo desse processo de reflexão do sujeito n(d) a linguagem, o sujeito começa a ser considerado, ele mesmo, um sujeito constituído pela linguagem. Uma relação de dependência em que para um existir, tem de haver o outro. Sujeito e linguagem, sendo que linguagem, por si, teria um sistema prévio, uma existência anterior. Dessa linguagem, na relação de ação e reação em sua realização enunciativa, estaria um sujeito constituído.

No desenvolvimento dessa concepção que ressalta a subjetividade na linguagem, o sujeito ganha um status de total vinculação ao sistema linguístico, sendo dele dependente. Cria-se uma relação que estipula uma realidade da linguagem, sempre a partir de um imaginário teórico, em que estariam, de um lado, a questão da exterioridade-interioridade e, de outro lado, a própria língua(gem) como uma coisa (HENRY, 2013[1977]). Pela exterioridade/ interioridade, entende-se que o exterior comanda as determinações sociais e os meios físicos, e o interior as determinações psicológicas. A coisa, por outro lado, seria a língua(gem) em seu próprio processo de transformação histórica/teórica (sistema e/ou órgão inato).

É esse sujeito da linguagem que esbarra nos limites das análises linguísticas logicistas e empiristas ressaltadas por Pêcheux (1995[1975]) e exemplificadas por Indursky (1998) ao ressaltar as feridas narcísicas⁴. O sujeito da linguagem, então, estaria submetido a um sistema de linguagem dependente do tipo de epistemologia que define tal sistema.

Segundo Jakobson, fora dos limites da frase, o falante não sofre coerções. Entretanto, se examinarmos tal afirmação à luz das teorizações realizadas pela Linguística Textual, veremos que essa liberdade para além dos limites da frase não se sustenta, sobretudo se levarmos em conta a noção de *coesão textual*, que é responsável pela “amarração” do texto, ou seja, pela sua sintaxe. (Indursky, 1998, p. 114)

⁴ Trata-se de circular o sentido do que Freud chamou de feridas narcísicas: Copérnico tirando o homem do centro do universo; Darwin colocando a espécie humana como um acaso; e Freud ressaltando nossos desejos e impulsos pelo inconsciente. Dessas feridas, é feito um histórico das relações de exclusão e inclusão do sujeito com os imaginários da noção sujeito/mundo nas produções teóricas/científicas dos linguistas.

Henry (2013[1977]) enfatiza essa mesma observação sobre a liberdade do sujeito, mas fazendo diretamente menção à teoria do gerativismo, enquadrada como realismo metafísico em Pêcheux. Sobre a liberdade do sujeito, Henry nos diz:

Há aí uma ruptura que, entre outras coisas, torna caduca a ideia de uma escala ascendente da liberdade do locutor no uso da língua, liberdade em que se alojaria sua subjetividade, através do que passariam suas opiniões, suas crenças, suas convicções próprias etc. Nesse sentido, esse projeto de uma teoria da gramática retoma e prolonga a tradição saussuriana na medida em que o corte que funda a linguística como ciência constitui-se a partir de uma recusa (parcial) da subjetividade, como modo de explicação dos “fatos da língua”. De acordo com a fórmula de Chomsky, é a própria linguagem que é a criadora. (Henry, 2013[1977], p. 39)

A própria linguagem é a criadora, retomando essa citação de Henry. Tal enunciado subjetifica sintaticamente a linguagem. Se tomamos como exemplo o sujeito numa posição de função sintática de objeto de verbo mais acima, agora temos como exemplo a própria linguagem sintaticamente sendo um sujeito. Ela é a criadora!

O limite desse sujeito esbarra no limite da própria ciência e condiz, nesse caso, com a necessidade de termos sempre uma certeza. Da mesma forma que o sujeito da ciência se crê a partir do seu próprio pensamento, a ciência depende de uma certeza de si. Uma certeza científica pode ser tão crente de si mesma que ela exclui o ser pensante, aquele dependente do pensamento para existir, para ela mesma ser a verdade por si mesma.

Importante ressaltar que não se nega a existência de uma produção de verdades que se materializam como uma ciência com saberes produzidos discursivamente. Os *objetos de pensamento* dessas ditas ciências existem e se materializam. A história retrata, por exemplo, fronteiras e estados que existem simplesmente por um consenso social⁵, e o linguista é capaz de descrever e refletir sobre seu objeto linguístico, sem perder suas validades epistêmicas e importância nos quadros acadêmicos. Reitera-se que as observações propostas neste texto tratam do desenvolvimento teórico das noções de sujeitos implementadas no percurso de leituras da Análise do Discurso.

Há um objeto com o qual a ciência trabalha, em sua técnica, que permite aplicabilidade funcional e comparativa. Não se nega, portanto, o sujeito da sociolinguística, nem o sujeito das teorias funcionalistas e nem o sujeito criativo do gerativismo. O que se questiona é a posição desse sujeito. Ou seja, tendo em vista a teoria da Análise do Discurso, é possível enfatizar a noção de que a produção do saber científico, produzido por um discurso, faz parte de determinações históricas a partir de gestos dos sujeitos constituídos por um processo discursivo científico.

⁵ Quando se atravessa uma fronteira, geralmente marcada por algum aspecto geológico, a mudança de um Estado para outro só faz sentido se o sujeito estiver inserido num consenso de que ali haveria uma fronteira. Mesmo assim, como podemos negar a existência material dos estados com tantas guerras, línguas e projetos político-econômicos? Não se trata apenas de um objeto imaginário e muito menos de algo idealista. Trata-se também de um sentido materializado.

O sujeito da ciência, inserido nas teorias linguísticas enquanto sujeito da linguagem, é tomado por certezas e definições que marcam seus históricos de rejeições, de dúvidas e de equívocos. A partir da necessidade de deslocar essas certezas, tanto da ciência, quanto do sujeito (epistêmico e linguístico), a Análise do Discurso aprofunda a reflexão da noção do que chamamos de Sujeito da Ideologia.

3. SUJEITO DA IDEOLOGIA

A constituição do sujeito da ideologia ocorreu através das leituras críticas sobre o curso da história a partir de leituras marxistas. Tal noção de sujeito foi criada por meio da preocupação com o político, ou seja, com as questões do poder. Trata-se de uma análise sobre o papel das teorias em um percurso de transformação da vida social e política, iniciada a partir das leituras de Karl Marx sobre os processos de exploração do trabalho industrial.

Para compreender o funcionamento do capitalismo, na leitura do primeiro livro de “O capital”, é indicado que o erro da economia clássica seria não tirar do valor da mercadoria sua *forma valor* que se torna *valor de troca* (Marx, 1996[1875], p. 205)⁶. Ao trazer o termo *forma*, temos então uma breve indicação de que quando os teóricos anteriores a Marx se referiam ao valor, não estavam falando do valor em si. Sem terem noção, falavam da *forma* que o valor toma na história. A percepção dessa diferença (forma do objeto e objeto em si), em Marx, condicionou o desenvolvimento do materialismo histórico. Este, por sua vez, estará, pela teoria da história, na constituição da Análise do Discurso.

A presença do termo *forma*, então, se aproxima da crítica da filosofia da linguagem em que o objeto de pensamento não se figura como um objeto real (forma valor não é o valor em si). Essa presença submete os imaginários do pensamento a uma estrutura simbólica de representação. Sendo assim, nas leituras de Pêcheux, podemos aproveitar a noção de *forma* com a noção de *forma-sujeito* quando se indica que a produção científica é uma produção feita pela forma-sujeito num efeito de evidência.

O que seria essa *forma-sujeito*⁷? Seria, segundo Pêcheux, o resultado do pré-construído que fundamenta a certeza do sujeito pensado como si mesmo, mas esquecido daquilo que o constitui. A forma-sujeito não é, assim como a forma valor, a coisa em si.

[...] modalidade na qual a “incorporação” dos elementos do interdiscurso (pré-construído e articulação-sustentação) pode se dar até o ponto de confundi-los, de modo a não haver mais demarcação entre o que é dito e aquilo a propósito do que isso é dito. Essa modalidade, que é da *ficção*, representa, por assim dizer, a forma

⁶ A informação consta na nota de rodapé 119.

⁷ Pêcheux retoma a noção de Forma-sujeito relendo Althusser quando caracteriza a forma-sujeito como sendo a forma da existência histórica de qualquer indivíduo. Pêcheux indica essa releitura na nota de rodapé 31 da terceira parte do livro *Semântica e Discurso* (PÊCHEUX, 1995[1975]).

idealista pura da forma-sujeito sob suas diversas formas, da “reportagem”, à “literatura” e ao “pensamento criador”. (Pêcheux, 1995[1975], p. 168)

A constituição dessa *forma-sujeito* precisa de uma instância produtora de uma ilusão de verdade. Essa instância seria o funcionamento da ideologia, através das releituras de Althusser das obras de Marx. Segundo Teixeira (2005, p.46), Pêcheux “toma a teoria de Althusser sobre o sujeito para formular uma teoria semântica que busca desmistificar a ‘evidência’ do sentido”. O funcionamento da Ideologia, quando este termo foi reterritorializado⁸ na Análise do Discurso, permite a produção de certezas através de formações ideológicas específicas (a localização do sujeito na sua relação social) materializadas no discurso pelas formações discursivas⁹.

Então, essa ideologia em seu funcionamento chamaria o sujeito a si, centrando sua imagem a um Eu, ciente de si e autônomo. O sujeito da ideologia, então, é esse sujeito produzido por um efeito da interpelação:

Todo nosso trabalho encontra aqui sua determinação, pela qual a questão da *constituição do sentido* junta-se à da *constituição do sujeito*, e não de um modo marginal (por exemplo, no caso particular dos “rituais” ideológicos da leitura e da escrita), mas no interior da própria “tese central”, na figura da *interpelação*. (Pêcheux, 1995[1975], p.153-154)

A interpelação é aquilo que chama o sujeito a pensar *eu sou*, numa resposta simples à pergunta: quem é você? A interpelação funcionaria enquanto *teatro da consciência*, nas próprias palavras de Pêcheux, passível de observação nos bastidores da configuração daquilo que “se pode captar que se fala do sujeito, que se fala ao sujeito, antes de que o sujeito possa dizer: ‘eu falo” (Pêcheux, 1995[1975], p. 154).

A interpelação pela ideologia, portanto, não encerra a constituição do sujeito. Ela trabalha enquanto funcionamento da constituição de sua *forma-sujeito*, através dos esquecimentos persentes no sujeito por meio do pré-construído. Esse funcionamento, portanto, não se dá como óbvio, mas regido por falhas, por isso há a dificuldade em manter a formulação de que o sujeito seria interpelado pela Ideologia.

Se a leitura de Lacan por Althusser enfatiza a noção de *imaginário*, a leitura de Pêcheux, em *Les vérités de la Palice*, busca tratar o sujeito em sua estruturação pelas leis da linguagem, que falha exatamente porque toma o sujeito integralmente pelo campo do Outro [...], desconhecendo sua condição desejante. (Teixeira, 2005, p.85)

O interessante, para a constituição do Sujeito da Análise do Discurso, seria a possibilidade de pensar na *forma-sujeito* através da sustentação de uma evidência. Isso enfatiza a crítica para o próprio discurso científico, isento da neutralidade em seus aspectos políticos. Por outro lado, essa

⁸ Noção de que o conceito estaria em *território* teórico diferente do original.

⁹ Pela posição ideológica, a formação discursiva determina o que pode e o que não pode ser dito. Nesses termos, a formação discursiva permite a materialização das formações ideológicas no discurso.

visão, ela mesma teórica, precisa trabalhar com o paradoxo de que toda produção discursiva (inclusive a teórica) é discurso de um sujeito não-empírico submetido a sua própria evidência da *forma-sujeito*.

Ou seja, o paradoxo é que não há prática sem sujeitos, mas também não são práticas dos sujeitos (Pêcheux, 1995[1975]). Se considerarmos uma prática como sendo de um sujeito, estaríamos esquecidos exatamente do teatro da interpelação. Eis uma complexa estrutura que tem o mérito de descolar o sujeito da ciência, mas sem resolver sua posição lógica, exatamente porque a lógica é um efeito dos processos discursivos com suas respectivas *forma-sujeito*.

A concepção do Sujeito da Ideologia constituído a partir da não neutralidade da ciência, se ao mesmo tempo permitiu efeitos de sentidos nas posições críticas ao formalismo e ao logicismo linguístico, também se evidenciou como um problema pela sua concepção lógica. Ao determinar um sujeito interpelado, a ideologia levantou críticas para ela mesma, a partir do ponto em que esse sujeito pode ser lido em um emaranhado de processos de identificação sociológicos pulverizados em infinitas categorias pós-modernas.

Ou seja, as releituras marxistas das décadas de 1960/1970 precisaram lidar com a não consciência de si desses sujeitos interpelados. O Sujeito da Ideologia, tanto quanto o sujeito da ciência, corre o risco de ser interpretado como um *já-lá*, quase num aspecto idealista, mas visto por dialéticas materialistas.

Henry (2017) alimenta a discussão da problemática lógica desse Sujeito interpelado. Há uma falta nesse sujeito, uma falha. Nisso que falta, a interpelação não constitui indivíduos em sujeitos, pois os indivíduos já seriam sujeitos ao serem tomados pela ideologia. Segundo Henry, “Les individus sont pris dans l'idéologie parce qu'il sont déjà devenus sujets avec le langage¹⁰” (2017, p. 7). Ou seja, o sujeito já seria dividido e faltoso por conta da sua própria inscrição na linguagem.

Não se trata, então, somente de um Sujeito da Ideologia. Há um além a ser considerado. Tais observações não se inserem numa posição lógica cronológica, em que primeiro viria a linguagem com um sujeito e depois uma ideologia que o interpelaria para constituir a *forma-sujeito*. Isso nos traria o sujeito lógico, constituído como objeto identificável.

Não estando na lógica de uma cronologia, não há um antes e um depois. Há instâncias. A constituição do sujeito ocorre num momento em que atuam as instâncias da língua, da história e do discurso. Logo, essa constituição estaria submetida ao momento específico de sua enunciação, o momento em que o sujeito em si não está, mas apenas seria representado. Por isso, antes de chegarmos ao Sujeito da Análise do Discurso, passamos a abordar aquilo que falta, que pela falta, se faz presente e se constitui. Trata-se do Sujeito do Inconsciente.

¹⁰ Em tradução livre: “Os indivíduos só são tomados pela ideologia porque eles já foram tornados sujeitos com a linguagem”.

4. SUJEITO DO INCONSCIENTE

Trazer a temática do sujeito do inconsciente representa trazer um impasse. O inconsciente não está no campo da lógica, da síntese. Porém, não se pode falar do Sujeito da Análise do Discurso sem pensar no Sujeito do Inconsciente. O inconsciente, em referência às reflexões freud-lacanianas, é o que se inscreve no Sujeito da Ideologia. É o que falha, é o equívoco. Podemos imaginar que o Sujeito do Inconsciente atua no instante:

O sujeito do inconsciente é pontual e evanescente, no exato momento em que é produzido, na sequência, é perdido. Quando falamos, portanto, falamos alienados ao campo do Outro, uma alienação importante porque, sem ela, o sujeito não se constitui. O inconsciente, portanto, é da ordem da rachadura, do tropeço nessa fala alienada. (Mariani, 2010, p. 121)

A falha referente ao Sujeito do Inconsciente se faz presente porque há nele o desejo. Desejamos algo que não podemos alcançar e, por isso, precisamos simbolizar na linguagem. Há uma falta e há linguagem. Conforme tais leituras, entendemos que esse sujeito é dividido, incompleto, instável.

Nas leituras psicanalíticas, esse Sujeito não é estável e suas representações dependem também dos elementos que funcionam no processo desejante: o significante e o Outro. A divisão do Sujeito da Psicanálise ocorreria por sua relação com a linguagem através da leitura da representação pelo significante e, também, por conta desta representação estar vinculada ao que é anterior ao sujeito, no Outro, ressaltando a ideia de que algo falta. Sobre essa relação com a falta, Lacan nos diz:

[...] em torno do qual gira a dialética do advento do sujeito a seu próprio ser em relação ao Outro - pelo fato de que o sujeito depende do significante e de que o significante está primeiro no campo do Outro. (Lacan, 1988[1964], p. 194-195)

Por algo faltar, entendemos a presença do desejo e a busca por um objeto causa do desejo. Esse objeto nunca é alcançado, portanto podemos pensar na inscrição desse sujeito na linguagem. Ou seja, a possibilidade de falar passa pela falta: o falante, por ser faltante. Com um jogo de sentido, exemplificamos a falta pela estrutura fonológica desses termos, sendo a falta do T (todo) especificando a diferença que compõe o *falante*, *fal(t)ante*.

Nesse caso, esse sujeito do inconsciente também pode ser referido como sujeito do desejo. Por outro lado, a relação entre o sujeito e desejo não é transparente, não é clara. Dependendo de sua inscrição, há sua ligação com o real impossível, em que a simbolização do objeto do desejo não se prende ao sentido. Esse sujeito, então, caminha pela noção de um gozo incontável envolvendo: a busca insaciável de uma satisfação que não se sabe o que satisfaz; e a angústia

dessa satisfação estar no impossível. A importância do campo do desejo, conjugado com a noção do inconsciente, alimenta outras formas de denominar esse sujeito dito pela psicanálise.

Essa perspectiva comporta colocar em questão o próprio termo sujeito, porque o sujeito é sempre um elemento mortificado; aliás, Lacan o definiu como falta-a-ser, e é por isso que ele faz entrar o corpo vivo na psicanálise. Ele substitui o termo sujeito por *falasser*, que é o contrário de falta-a-ser, é o sujeito mais o corpo, é o sujeito mais a substância gozante. (Miller, 1998, p. 102)

Esse sujeito na psicanálise, então é um sujeito que vem de uma falta que o faz ser pela linguagem. Por essa leitura, podemos pensar no sujeito barrado representado pelo significante devido à falta estrutural desse sujeito: “em nosso vocabulário próprio, simbolizamos por S barrado o sujeito, no que constituído como segundo em relação ao significante” (Lacan, 1988[1964], p. 135).

Isso permite entender o Inconsciente, no jargão lacaniano, “estruturado como uma linguagem”. O sujeito do inconsciente não é. Ele se constitui na falta para então falar: “O desejo é uma relação de ser a falta. Essa falta é, falando com propriedade, falta de ser. Não falta disso ou daquilo, mas sim a falta do ser pelo qual o ser existe” (Lacan, 1985[1954-55], p. 280). Por ele faltar e desejar, ele se dá na linguagem. Temos, então, o caminho do *falta-a-ser* para o *fala-a-ser*¹¹, pois a fala lhe permite se supor como ser.

Portanto não é inútil repetir que, na experiência de escrever: penso: "logo existo", com aspas ao redor da segunda oração, lê-se que o pensamento só funda o ser ao se vincular a fala, onde toda operação toca na essência da linguagem. (Lacan, 1998[1966], p. 879)

O Sujeito do Inconsciente é forjado no discurso psicanalítico a partir do Sujeito da Ciência. Como a certeza de ser se dá numa alienação ao Outro, há a inversão do ser cartesiano que existe por pensar. Indo ao encontro da constituição do Sujeito da Ideologia a partir da crítica a uma verdade da ciência, o Sujeito do Inconsciente também ressalta uma dissonância entre a verdade, a língua e um suposto saber dado enquanto objeto por si.

O aspecto paradoxal apontado pelo psicanalista francês concerne à atividade de operar, isto é, a psicanálise criou condições de operar sobre um sujeito e não sobre um homem ou indivíduo, enquanto a ciência, fundadora desse mesmo sujeito, não o localiza como um operador, mas trabalha a partir de uma concepção idealizada acerca do sujeito que resultará numa equivocada relação com a linguagem como sendo transparente. (Maia, 2006, p. 207)

Isso nos permite entender o atravessamento dessa leitura do Sujeito do Inconsciente no desenvolvimento da teoria do discurso em Pêcheux. A releitura do sujeito da certeza cartesiana traz a dúvida, um sujeito que não sabe de si e é falado por uma instância alheia ao seu domínio do saber. Algo fala por ele, *ça parle*, e assim o Sujeito se formaliza a partir de uma injunção Outra. Não

¹¹ O significante utilizado por Lacan é *falasser*, mas grafamos o acústico com hífen para nos fazer representar pela relação com o outro significante *falta-a-ser*.

mais direcionado para o consenso como seria a ideia da interpelação Ideológica, mas para o vacilo, o equívoco.

Ao comparar o Sujeito da Ciência, a partir do *cogito* cartesiano, com o Sujeito trazido pela teoria lacaniana, Di Ambra nos diz:

La vision de Lacan est totalement autre: le sujet est représenté par le signifiant et par la chaîne signifiant: **ça parle** freudien et lacanien et non pas **je pense** cartésien, qui est le sujet fondé par la Science et dans la certitude, opposé au sujet du doute de la psychanalyse¹². (Di Ambra, 2003, p. 22)

Por estar inserido na linguagem para poder se deixar constituir, o Sujeito do Inconsciente, dependente da representação entre significantes, não se dá conta de que ele não é. A representação por significantes não o caracteriza como um ser, pois esse sujeito quando pensa, ele não é. Ele, ao pensar, está dependente de instâncias que lhe são exteriores.

Nós nos localizamos, posicionamo-nos como sujeito ao falar, mas não nos damos conta disso. O sujeito, portanto, se reconhece nessa cadeia articulada e o desconcerto (ou a surpresa) se dá, justamente, quando essa cadeia falha, quando há um tropeço na cadeia. A noção de inconsciente, quando articulada às categorias real/simbólico/imaginário de Lacan, aponta, por um lado, para a radicalidade de uma falta nessa cadeia significante – falta um significante que diga quem sou... ou que diga 'sou isso'... – e mostra, por outro, que buscamos constituir sentidos o tempo todo – tentativas de dar consistência ao ego – por sermos marcados por esse não dito estrutural. (Mariani, 2010, p. 121-122)

Podemos ler, através dessas leituras, a ideia da formulação lacaniana de que o sujeito seria dependente de uma representação por significantes que marca sua divisão na instância do inconsciente. Logo, tal ideia não está vinculada a instâncias de certezas ideológicas conforme referido em Análise do Discurso. Não se trata, portanto, de falar em si do Sujeito do Inconsciente quando abordamos as falhas e os equívocos nas análises discursivas, mas se trata do atravessamento desse Sujeito para dar base a um gesto de interpretação dos equívocos de sentidos nos processos discursivos. Isso caracteriza aquilo entendido como o atravessamento da teoria da subjetividade psicanalítica na Análise do Discurso.

É com essas noções dos limites de cada área do conhecimento com releituras e reterritorializações que abordaremos, por fim, o Sujeito da Análise do Discurso.

5. SUJEITO DA ANÁLISE DO DISCURSO

Essa noção de sujeito se constrói na teorização do discurso alinhado às premissas iniciais levantadas por Pêcheux. Vale ressaltar que montar um histórico dos possíveis sentidos sobre

¹² Em tradução livre: “A visão de Lacan é totalmente outra: o sujeito é representado pelo significante e pela cadeia significante: isso fala freudiano e lacaniano e não pelo eu penso cartesiano, que é o sujeito fundado pela ciência e na certeza, oposto ao sujeito da dúvida da psicanálise”.

sujeitos de acordo com leituras teóricas específicas não os categoriza, nem os limita. Nesse caso, as referências a essa multiplicidade de concepções sobre sujeito servem para agora entendermos o sujeito da Análise do Discurso pela consideração do real da língua, da história e do inconsciente.

O Sujeito da Análise do Discurso é entendido como a conjunção do Sujeito da Ideologia com o Sujeito do Inconsciente, lembrando que ambos foram formulados a partir da concepção do *cogito* do Sujeito da Ciência que deu base ao Sujeito próprio da Linguagem. A questão ressaltada, então, é a maneira pela qual o Sujeito do Inconsciente atravessou o Sujeito da Ideologia.

Refletir sobre o funcionamento do ideológico foi importante para a Análise do Discurso compreender a concepção de *forma-sujeito* e a questão do posicionamento dos sujeitos no discurso. Esse posicionamento sustenta o imaginário do saber do sujeito por causa da interpelação ideológica. Sendo assim, temos a base que funda a certeza do sujeito, aquilo que nos permite interpretar o enquadramento¹³ do sujeito ao sentido já dito e a sua inserção no discurso.

A Análise do Discurso, portanto, postula o sujeito como historicamente determinado, interpelado pela ideologia e dividido pelo inconsciente. O ideológico produz evidências que fazem com que o sujeito se aceite pleno, sem que se perceba afetado e identificado a determinadas práticas, constituindo-se na/pela linguagem através da filiação a determinadas redes de sentido. (Trajano, 2016, p. 68)

Portanto, esse funcionamento não é categórico, não é linear. Não se trata dos autômatos do sujeito da Ciência e da Linguagem que respondem ou determinados pela estrutura linguística/gramatical, ou utilizariam essa estrutura para um livre expressar. Por outro lado, não se trata também do Sujeito enquadrado numa posição teórica que permite o efeito de sentido de ler um sujeito identificado ao seu papel determinado pela formação ideológica.

Nesse ponto, Pêcheux reconhece a necessidade de considerar as leituras do sujeito lido pela Psicanálise: “o que faltava no texto de 1969 era precisamente uma teoria desse imaginário localizada em relação ao *real*” (Pêcheux; Fuchs, 1997[1975], p. 171). Junto com o processo discursivo, então, há também o processo desejante de um sujeito constituído pela falta.

Logo, considerar o Sujeito da Análise do Discurso é também considerar a presença de que há o real de cada área epistemológica que influencia os conceitos da Análise do Discurso: o real da história, o real da língua e o real do inconsciente.

Toucher à ce triple réel de la langue, de l’histoire et de l’inconscient, sans présupposer une théorie plus ou moins générale de l’objet ‘discours’, cela exige d’explorer le réseau des questions qui y circulent: nos terrains de rencontre problématiques¹⁴. (Conein *et al.*, 1981, p. 11)

¹³ Importante ressaltar que a teoria da análise do discurso nos fornece dispositivos teóricos para interpretação. Não se trata de identificar o sujeito.

¹⁴ Em tradução livre: “Tocar nesse tríade do real da língua, da história e do inconsciente, sem pressupor uma teoria mais ou menos geral do objeto “discurso”, exige explorar a rede de questões que nele circulam: nossos terrenos dos encontros problemáticos”.

Real, como o ponto do impossível, é o próprio de cada área. A língua como sendo não fechada e sujeita ao equívoco; a história como sendo não toda demarcada e genealogizada (dando sentido completo aos fatos); e o próprio inconsciente como o inesperado que atua no não-saber. O real da língua, da história e do inconsciente, nas leituras que simbolizam cada sentido em suas respectivas áreas, podem ser: ora aquilo que é excluído, mas mantém sua insistência na simbolização (a ideia do sujeito objetificado); ora totalmente excluído, retornando enquanto furo naquilo que foi simbolizado (a ideia de filtrar o sujeito para ter só o objeto).

Ao trazer a noção do real, entendemos que há uma tentativa tanto de se referir ao campo da subjetividade, quanto também uma referência ao campo das construções teóricas com seus objetos de pensamento.

Em certas passagens da obra de Pêcheux, o real é referido juntamente com os registros lacanianos do simbólico e do imaginário. Em outros momentos, o real é ligado à condição da existência dos campos linguística, da história e da psicanálise e seus *objetos de conhecimento* (Baldini; Ribeiro, 2016, p. 166-167)

Ambos, tanto o sujeito como a teoria, possuem seu real enquanto ponto do impossível. A contradição histórica, os limites da língua e o lapso pelo inconsciente. A Análise do Discurso, portanto, precisa lidar com essa tripla asserção para não cair nem no sociologismo definindo seções fragmentadas de um sujeito e suas falas, nem no psicologismo tentando deduzir as pretensões e intenções de um sujeito. É uma análise que não define o sujeito, mas trabalha nos questionamentos dos supostos objetos do conhecimento, que podem ser uma mensagem (língua) e/ou uma identidade (história).

A partir de releituras teóricas, os conceitos da teoria psicanalítica passam a influenciar a construção dos sentidos nas leituras conceituais da Análise do Discurso. Porém, isso deve ocorrer numa característica própria para lidar com os limites epistemológicos de cada área do conhecimento pela qual a Análise do Discurso se constitui: língua, história, psicanálise. Refletindo sobre esse processo histórico das leituras de Pêcheux, Mariani (2010) nos diz:

Seus textos iniciais, dos anos 60 e 70, são construídos com frases mais dogmáticas, mais longas, com raciocínios intrincados e imbricados na teoria materialista. Em *Semântica e Discurso* e em *A língua inatingível*, uma primeira mudança: a forte entrada do chiste e da ironia na escrita. Na terceira parte de *Discurso: estrutura ou acontecimento*, Pêcheux prossegue onde, no meu entender, Althusser parou. Questionando-se sobre um real próprio às disciplinas de interpretação, Pêcheux afirma que os efeitos desse real não podem ser descartados como um defeito. Ou seja, um real “que não se transmite, não se aprende, não se ensina, e que, no entanto, existe produzindo efeitos.” Não levar em conta esse real representa o risco de se cair no comodismo dos velhos hábitos de pensar, que encontram, em uma ciência régia, os caminhos que domesticam o real da língua e da história. (Mariani, 2010, p. 124)

A língua, então, é um não todo e o sujeito é dividido. Os limites das considerações sobre o sujeito ocorrem pelos próprios limites da língua, que é o real. Por isso, insistimos em dizer que

pensar sobre sujeito é um pensar filosófico. Devemos considerar o equívoco, as contradições, os limites daquilo que se aponta como um sujeito. Nesse caso, a teoria desenvolvida com o pressuposto materialista dos processos semânticos discursivos considera exatamente a contradição na constituição permanente de um se fazer sujeito.

Não obstante, lidar com o impossível não impossibilita empregar tais conceitos nos gestos de interpretação. Tais considerações marcam exatamente a não totalização e a não estabilização daquilo que procuramos dizer, definir, concluir. O sujeito dos enunciados do *corpus* de uma pesquisa em Análise do Discurso, se se posiciona numa posição discursiva para dar conta de um sentido sobre suas suposições, ele se deixa também atravessar pelo furo nas suas representações.

Sem uma estabilização e sem uma definição literal, são considerados os efeitos: do *Real*, aquilo que é o impossível; do *Imaginário*, aquilo que ratifica nossa imaginação; e do *Simbólico*, a estrutura que permite a imaginação do real. Podemos dizer que o sujeito, enfim, quando pensa, ele não é. Quando pensamos, nada fazemos senão imaginar um real através de símbolos. Sendo assim, nos deixamos levar em conflitos e em equívocos para tentar dar conta de cada falta, por causa do desejo de saciar essa falta. Porém, por esse objeto da falta estar no real, não temos acesso a ele.

É por essas razões que devemos ter o cuidado de não nos deixarmos levar pela evidência do sujeito nas análises discursivas. Suas definições de si, suposições, certezas, devem sempre ser trabalhadas pelos processos da falha de suas certezas. É, por exemplo, a revolução que tomou outro rumo. É o militante político que se contradiz. É a exceção dos exemplos funcionalistas e sociolinguísticos. É aquele que deveria estar identificado à suposta ideologia definida numa teoria social, mas não está.

O limite dos saberes está no real de cada tentativa de olhar um objeto do pensamento como se fosse um objeto real. O real da história nos traz a contradição, como a revolução que não ocorreu ou a censura que não impediu o dizer. O real da língua possibilita o equívoco, o lapsos, o descontrole metonímico dos efeitos de sentido. O real do inconsciente aponta o desejo por desejar, a parte faltante exatamente desses sujeitos impelidos para o além do prazer de um sentido domesticado por supostos saberes.

O Sujeito da Análise do Discurso, portanto, é o efeito de um sentido, mas afetado pela falha desse sentido. Quando pensa, ele imagina um real por símbolos configurados pela linguagem. Esse pensamento não o estabiliza, pelo contrário, o faz mover nas estruturas do simbólico aberto sempre ao contraditório pela própria impossibilidade do real.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa abordagem sobre o conceito de sujeito contou com uma leitura da filosofia da linguagem desenvolvida por Pêcheux (1995[1975]) para diferenciar o objeto de pensamento do

objeto real. Sendo a língua entendida como uma ferramenta imperfeita, indicando a existência de um real próprio na área da linguística, o sujeito dessa língua não pode ser pleno e localizável, pois ele é um objeto de pensamento.

A caracterização desse sujeito pleno o coloca numa acepção do Sujeito da Ciência, considerado a partir do *cogito* cartesiano que funda a noção da existência do sujeito pelo campo da racionalidade. Esse sujeito, à medida que surgiu no racionalismo, precisou ser filtrado para permitir uma objetividade das análises científicas. Ou seja, ou um sujeito idealmente universalizado como reservatório de percepções empíricas ou um sujeito filtrado das deduções logicamente calculáveis.

Esse sujeito da ciência é o sujeito da linguagem nas críticas à linguística (Pêcheux, 1995[1975]; Henry, 2013[1977]), que aprofundaram a noção do Sujeito da Ideologia especificando a existência dos aspectos político e histórico em qualquer discurso teórico. Porém, esse Sujeito interpelado pela ideologia também tem seus equívocos. O limite do Sujeito da Ideologia está, portanto, na consideração do real da língua, da história e da psicanálise. Assim, caracterizamos o que seria o Sujeito da Psicanálise, dividido e desejante, para, por fim, apontar aspectos do Sujeito da Análise do Discurso.

Logo, o pensar sobre sujeito é dependente da posição (discursiva) da qual se pensa. A construção do saber científico, para dar uma lógica de homogeneidade e lisura em suas argumentações, evita tratar o sujeito pelo sujeito a fim de sustentar a ideia de objetividade. Nesse trâmite de objetificar o que se diz, o sujeito ou é excluído, ou é lido ele mesmo como um objeto. A questão, reiterada pela reflexão da Análise do Discurso, é que a referência a um objeto é feita pela língua e, por isso, se insere nos processos discursivos. Então, o sujeito pensa e, a partir desse pensamento, ele imagina algo do real pelos aspectos simbólicos da linguagem.

REFERÊNCIAS

- BALDINI, L J S.; RIBEIRO, T. O que é a língua se a psicanálise e o materialismo histórico existem? **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, nº 38, p. 167-187, jul./dez. 2016.
- DI AMBRA, R. **Le concept de sujet dans l'élaboration lacanienne**. Paris: A.E.P Arts Editons, 2003.
- CONEIN, B. *et al.* (org.). **Matérialités discursives**. Lille: Presses Universitaires de Lille, 1981
- HENRY, P. Fundamentos teóricos da “análise automática do discurso”. In: GADET, F.; HAK, T. **Por uma Análise Automática do Discurso**. Campinas: Editora UNICAMP, 1997[1969]. p. 13-39.
- HENRY, P. **A ferramenta imperfeita: Língua, sujeito e discurso**. Campinas: Unicamp, 2013[1977]
- HENRY, P. L'analyse de discours n'est pas une analyse de texte. **Seminário LAS**, UFF, Niterói, out. 2017. (Comunicação oral) Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/405629340/Henry-Paul-L-Analyse-de-Discours-n-Est-Pas-Une-Analyse-de-Texte> Acesso em 21 ago. 2023
- INDURSKY, F. O sujeito e as feridas narcísicas dos linguistas. **Gragoatá**, n. 5, p. 111-120, dez. 1998.

- LACAN, J. **O Seminário, livro 2: O eu na teoria de Freud**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985[1954-55].
- LACAN, J. **O Seminário, livro 3: As psicoses**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988[1955-56].
- LACAN, J. **Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1988 [1964]
- LACAN, J. **A ciência e a verdade**. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998 [1966]. p. 869-892
- MAIA, M. C. G. **Instâncias de subjetivação em relatórios sobre adolescentes infratores**. 265fls. Tese (doutorado em Estudos da Linguagem) - Instituto de Letras, UFF, Niterói, 2006.
- MARCONDES, D. **Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein**. 7.^a ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- MARIANI, B. Textos e Conceitos Fundadores de Michel Pêcheux: uma retomada em Althusser e Lacan. **Alfa**, v. 1, n. 54, p. 113-127, 2010.
- MARIANI, B. Testemunho: um acontecimento na estrutura. **Revista Desenredo**, v.12, n. 1, p. 48-63 - jan./jun. 2016.
- MARX, K. **O Capital: Crítica da economia política. O processo de produção do capital**. In: Os Economistas. São Paulo: Nova Cultural, 1996[1875]. v. 1.
- MILLER, J. A. O osso de uma análise. **Agente: Publicação da Escola Brasileira de Psicanálise - Bahia**, n.º especial, 1998. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/240394102/O-Osso-de-Uma-Analise>. Acesso em: 16 ago. 2023.
- PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas: Pontes, 1990.
- PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Ed. Unicamp, 1995[1975].
- PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso. In: GADET, F.; HAK, T. **Por uma Análise Automática do Discurso**. Campinas: Editora UNICAMP, 1997[1969]. p. 61-162.
- PÊCHEUX, M. Metáfora e interdiscurso. In: ORLANDI, Eni (org.). **Análise de Discurso: Michel Pêcheux**. Campinas, SP: Pontes, 2014[1984]. p. 151-162.
- PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, F.; HAK, T. **Por uma Análise Automática do Discurso**. Campinas: Editora UNICAMP, 1997[1975]. p. 163-252.
- PÊCHEUX, M.; GADET, F. **A língua inatingível: o discurso na história da linguística**. Campinas: Pontes, 2004[1983].
- PIAGET, J. Les problèmes principaux de l'épistémologie des mathématiques. In: **Logique et connaissance scientifique**. Paris: Gallimard, 1967.
- TEIXEIRA, M. **Análise do Discurso e Psicanálise: elementos para uma abordagem do sentido no discurso**. 2. ed. Porto Alegre: EDPUCRS, 2005.
- TRAJANO, R. M. **Hip Hop: sujeito e(m) movimento**. 2016. 308 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Instituto de Letras, UFF, Niterói, 2016.

O/A(S) AUTOR(ES/AS)

Frederico Sidney Guimarães

Doutor em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal Fluminense, graduado em história pela UNIRIO. Colaborador do Laboratório Arquivos do Sujeito (LAS). fredericosidney@outlook.com